

Primavera 1999

# DOURO 7

ESTUDOS & DOCUMENTOS

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto  
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**DIRECÇÃO:**

Jorge Monteiro (Presidente do Instituto do Vinho do Porto)

José Augusto Novais Barbosa (Reitor da Universidade do Porto)

José Manuel Gaspar Torres Pereira (Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

**COORDENADOR:**

Gaspar Martins Pereira (Coordenador do Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto/FLUP)

**CONSELHO DE REDACÇÃO:**

António Barreto (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)

António Vilela de Matos (Pró-Reitor da Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro/Documentação e Extensão)

Arlete Mendes Faia (Depart. de Indústrias Agro-alimentares/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Aurélio Araújo de Oliveira (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Alberto Brochado de Almeida (Arqueologia/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Melo Brito (Faculdade de Economia/Universidade do Porto)

Conceição Andrade Martins (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)

Fernando Bianchi de Aguiar (Departamento de Fitotecnia e Eng. Rural/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; Presidente da O.I.V.)

Francisco Ferreira Monteiro (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar)

Francisco Ribeiro da Silva (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

François Guichard (Universidade de Bordéus III/Centro de Estudos Norte de Portugal – Aquitânia)

Jean Lave (Social & Cultural Studies/Universidade da Califórnia – Berkeley)

João Rebelo (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

José Portela (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Luís Miguel Duarte (História Medieval/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Norman R. Bennett (Departamento de História/Universidade de Boston)

Nuno Pizarro de Magalhães (Depart. de Fitotecnia e Eng. Rural/Univ.de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Vital Moreira (Faculdade de Direito/Universidade de Coimbra)

**SECRETARIADO:**

Paula Montes Leal, Natália Favrelle Ferreira e Adelaide Gil

**PROPRIEDADE:**

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto ■ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**EDIÇÃO:**

GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto ■ Apartado 55038 ■ 4150 PORTO Codex – PORTUGAL

Telefone e fax.: (02) 6077156 ■ E-mail: tugurio@mail.esoterica.pt

**Fotografia da capa:** «Mosteiro “Novo” de S. Pedro das Águas». Foto de Egidio Santos. 1999

**Composição:** Edições Afrontamento

**Impressão e Acabamento:** Rainho & Neves, Lda.

**Assinatura anual (2 números):**

**Instituições:** 4000\$00; **Individuais:** 3500\$00

**Preço deste número:** 3000\$00

**Tiragem:** 1200 exemplares

**Depósito Legal:** 98629/96

**ISSN:** 0873-3899

© Direitos reservados, de acordo com a legislação em vigor.

Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

# SUMÁRIO

**Editorial** 7

## **Estudos**

A Mulher na fronteira: a condição feminina nas cartas de foral de Ribacôa e do Douro Internacional 11  
José Ignacio de la Torre Rodríguez

Em torno da uma ruralidade em regressão e sobre um processo de concentração urbana – a população do Norte Interior 27  
Luís Paulo Saldanha Martins

Os interesses causantes do Regime Jurídico da Denominação de Origem 61  
Alberto Francisco Ribeiro de Almeida

Admissibilidade jurídica da obrigatoriedade de engarrafamento na origem de VQPRD 83  
Pedro Sousa e Silva

## **Documentos**

«Discurso dobre o incanamento do rio Tamega» 101  
Aurélio de Oliveira

A Companhia contra os Lavradores do Douro. I: a denúncia de António de Mesquita e Moura, Juiz da Devassa de 1771-1775 137  
Gaspar Martins Pereira ■ Natália Fauvrelle Ferreira

A Companhia contra os Lavradores do Douro. II: o arranque das vinhas de Jugeiros, segundo uma Memória de José Jacinto de Sousa de 1783 153  
Gaspar Martins Pereira ■ Natália Fauvrelle Ferreira

## **Relatórios e notas de pesquisa**

Rastreo das antigas ocupações humanas no território meridional da vila da Meda 179  
Carlos A. Brochado de Almeida ■ João Viana Antunes ■ Pedro Baére de Faria

**Notícias** 211

**Agenda** 219

Carlos A. Brochado de Almeida \*

João Viana Antunes \*\*

Pedro Baére de Faria \*\*\*

## Rastreio das antigas ocupações humanas no território meridional da vila da Meda

### INTRODUÇÃO

A orografia entre a freguesia sede de concelho e a sua vizinha Longroiva pauta-se por uma sucessão de montes, erçados de graníticas penedias, intervalados por vales de dimensões e profundidades bem diversas. Nestes, tanto podem ocorrer fundas depressões onde se encaixaram linhas de água, como é caso da Ribeira do Concelho, como encostas suavizadas onde se vai fazendo uma agricultura de cereais e vinhedos, nem toda ela prevalecente na actualidade. Como acontece numa boa parte do concelho, a sua geologia consta sobretudo de granitos, onde despontam, intercalados, veios de quartzite. O predomínio destas massas graníticas condicionou ao longo dos tempos a actividade agrícola, mas facilitou a escolha dos sítios mais apropriados para a instalação de sepulturas cavadas na rocha e para muitos lagares que se espalham pelo aro vinícola que envolve a vila. A agricultura, essa foi quase sempre remetida para os vales mais abrigados e fundos ou então para as encostas mais suaves, onde apesar de todos os cuidados e limpezas, as pedras e os quartzitos continuam a proliferar e conseqüentemente a dificultar a prática agrícola. Era, precisamente, nas encostas mais altas que, até tempos recentes, se semeava o trigo e o centeio – hoje é actividade quase extinta –, de acordo com velhas tradições e topónimos como *Trigueira*, situada nas redondezas da Quinta de São João.

\* FLUP/GEHVID.

\*\* Arqueólogo. IPA/GEHVID.

\*\*\* Arqueólogo. GEHVID.

Neste espaço, salpicado de rochas e de résteas de terra arável, ao longo dos séculos fervilhou uma intensa ocupação, que nem sempre se pôde servir das águas das ribeiras e que são muitas, mas que de rumorosas no inverno quase que secam quando o estio aquece.

Neste território que mãos de homem desbravaram, plantaram e semearam, voltaram a crescer espaços de solidão. Das inúmeras propriedades em que o planalto está repartido, muitas delas foram abandonadas ou então mostram o declínio a que a falta de braços e o envelhecimento da população as foi votando. Prova disso é a ruína em que se encontra a fidalga Quinta de S. João, desabitada e a capela destelhada, e a lenta degradação da Quinta do Moreira que, em termos arquitectónicos, se irmana com as pobres instalações da Quinta do Vale da Manta. Abarcando, por vezes, larguíssimos hectares de terras de vinha e de sementeira, perderam o antigo vigor, a razão da sua ancestralidade que, no caso das quintas de S. João e do Moreira, têm raízes que descem até à Alta Idade Média, senão mesmo aos momentos últimos da Romanização.

Em termos arqueológicos, pode-se dizer que a vila e freguesia da Meda tem dois povoados da Idade do Ferro no seu aro (Fig. 1): a Sudoeste, o Castro do Castelo do Nunes e, a Nascente, o Castelo Velho do Vale da Manta (Rodrigues, 1983, 61). A estas duas povoações haverá que juntar ainda o Morro da Torre do Relógio, sítio onde, muito provavelmente, esteve sediado o castelo do tempo de D. Flámula ou Chamôa Rodrigues, caso a referência ao castelo de «*Amindula*» (PMH, DC 81; VMH, 11) corresponda, como o sugere Mário Barroca, à actual vila da Meda (Barroca, 1990/91, 94) e não a Almendra, como o pretendia o Prof. Lindley Cintra (1984, XXXVI-XXXVII).

Dos dois *habitats* da Idade do Ferro, só o Castelo Velho do Vale da Manta teve importância estratégica e alguma projecção económica. O outro, na rusticidade do seu espaço habitacional, reflecte as paupérrimas condições de sobrevivência de um escasso número de moradores que viviam essencialmente do pastoreio dos seus animais. No aro do castro a terra arável era pouca e as condições em que poderia ser trabalhada, por sua vez, não favoreciam o desafogo económico.

O Castelo Velho do Vale da Manta tem sido considerado (Rodrigues, 1983, 61) como o principal núcleo dos *Medobrigenses*, um dos *populi* da Lusitânia que participaram na construção da ponte romana de Alcântara. Discordam de tal opinião, por razões diversas, Russel Cortez e J. Alarcão. Este, com mais fundamento, como facilmente se poderá comprovar.

Para Russel Cortez a capital dos *Medobrigenses* foi, muito possivelmente, o castro de Ranhados (Cortez, 1954, 503-506). As suas suposições alicerçava-as no simples facto de o castelo, que se lhe seguiu, ter sido construído sobre os escombros de um castro romanizado. A existência de vestígios romanos neste monte sobranceiro à actual povoação é também descrita por Vasco Rodrigues de uma

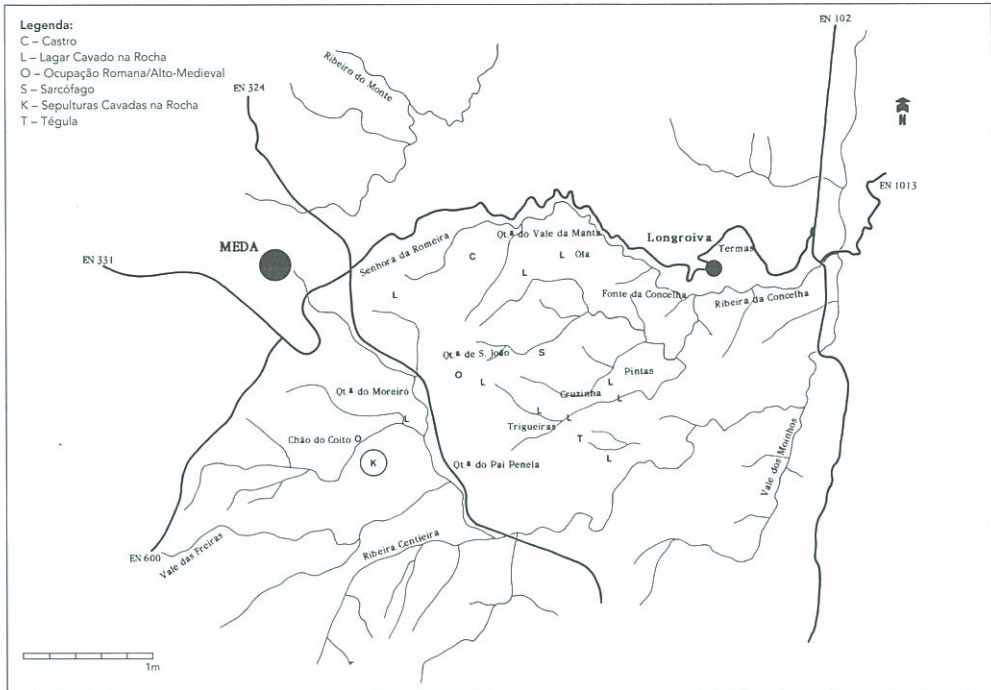


Figura 1

maneira muito genérica, já que alude a *tegulae* e a «cerâmica castreja negra», esta patente «na base da encosta do monte do castelo» (Rodrigues, 1983, 57).

Uma apreciação, mesmo que sumária, a tais informações resulta num exercício de difícil comprovação e talvez numa apreciação bem diferente daquela a que o autor se permitiu aludir. *Tegulae* não vimos nas várias visitas que fizemos ao monte, onde, na Idade Média, se construiu uma pequena fortaleza e, séculos depois, os habitantes de Ranhados construíram o seu cemitério. A dita «cerâmica castreja negra» não passa, na nossa perspectiva, de cerâmica medieval, essa sim abundante, tal como os fragmentos de *imbrex* que se estendem do topo à base do monte do castelo.

Mais avisado foi J. de Alarcão na resenha que elaborou sobre as estações arqueológicas com sintomas de Romanização e que incluiu no seu *Roman Portugal*. Tomando como seguras as informações de Vasco Rodrigues sobre o vizinho castro de S. Jurjo (Rodrigues, 1983, 56), J. de Alarcão passou a considerá-lo como o castro mais romanizado do concelho da Meda e onde, com uma certa dose de verosimilhança, se poderá localizar a capital dos *Medobrigenses* (Alarcão, 1988, 55, n.º 4/58).

Conjugando então as diferentes premissas que se enlaçam em torno do castro do Vale da Manta, duvidamos, seriamente, que alguma vez este tenha sido a capi-

tal dos *Medobrigenses*. S. Jurjo, esse sim. Tem espaço, localização e sobretudo estruturas e espólio capazes de ombrearem com as povoações indígenas mais prósperas da região. Algo que não é perceptível no castelo de Ranhados – se é que alguma vez aqui houve uma povoação indígena contemporânea dos castros –, no castro da Tapada, no castro de Tambores, ambos em Longroiva, e muito menos no minúsculo e paupérrimo castro do Castelo do Nunes.

Mais numerosos são os sítios com sintomas de Romanização ou pelo menos os locais onde é possível documentar a presença de *tegulae*, estas, como vem sendo afirmado, com uma diacronia bem mais lata que aquela que lhes é tradicionalmente atribuída (Almeida, 1996, VII, 319-324). Ocupações com *tegulae*, nesta área do planalto, há-as no Chão da Forca, no Safarejo, na Quinta do Moreira e sobretudo na Quinta de S. João.

Nos três primeiros sítios (Fig. 1), os vestígios reduzem-se a *tegulae* espalhadas pelos antigos terrenos de cultivo e por entre os actuais renques de vinha. São resquícios de pequenas ocupações, agrícolas sem dúvida, porque a presença de pedaços de *dolia* não permite outra ilação.

Situação especial têm os vestígios da Quinta do Moreira, localizados a dois passos do conjunto das sepulturas rupestres. Sem podermos atribuir aos dois tipos de vestígios cronologias similares, não deixamos de alertar para o facto e de esta ser uma situação análoga àquela que já sabíamos existir na Quinta do Rebolal, na freguesia de S. Martinho das Chãs, concelho de Armamar (Antunes e Faria, 1997, 25-33).

Importantes, para época, foram indiscutivelmente as ocupações da Quinta do Moreira e da Quinta de S. João. Elas não se resumem a *tegulae* e a bocados, mais ou menos evidentes, de *dolia*. Nos dois sítios há grandes silhares de granito, alguns deles com uma técnica de almofadado aparentada à romana, mas que faz lembrar outras que conhecemos do período moçárabe. Em qualquer dos casos, eram duas grandes explorações centradas em redor da actividade agrícola, sem excluir, como é óbvio, o cultivo da vinha. Nos dois sítios, tal como no Safarejo e no Chão da Forca (Longroiva), há lagares cavados na rocha. O que não podemos afirmar é que eles sejam efectivamente de época romana ou alto-medieval.

O número de lagares cavados na rocha que conhecemos nesta área é grande, mas nem todos estarão recenseados (Fig. 1). Alguns estão atulhados, outros foram somente destruídos com a introdução de maquinaria na preparação de novos vinhedos. Cronologicamente, parece-nos que a grande maioria será de época moderna. Para essa direcção aponta a tipologia, que é muito uniforme – *calcatarium* rectangular, cavidades laterais para assentamento das árvores (*stipites*) e *lacus* sub-circular ou semi-rectangular – e a data (1618 ou 1678) que foi encontrada numa pedra que havia feito parte de uma construção que esteve associada ao lagar das Trigueiras 1.

## INVENTÁRIO

### Castelo Velho do Vale da Manta (Meda)

Descrição: Castro

Latitude: 41° 57' 875" N

Longitude: 07 ° 13' 869" W

Comprimento: 628 m

É num dos cabeços que envolvem o Vale da Manta que está o castro do Castelo Velho, situado num fraguado sobranceiro à Quinta que tomou o nome do vale. Dista da Vila da Meda, na direcção de Longroiva, cerca de 2,5 Km.

De acordo com o binómio estratégia defensiva e controlo estratégico de um território, o monte escolhido está de acordo com tais princípios, pois a sua massa rochosa permitia-lhe uma boa defesa, sobretudo na vertente voltada à Quinta do Vale da Manta e, da sua acrópole, se avistava uma vasta área, que se estende bem para lá dos aglomerados habitacionais da Meda e de Longroiva.

Se em termos estratégicos a localização se poderá considerar de escolha acertada, em termos económicos já é algo mais discutível, pois, salvo uma pastorícia de ovinos que ainda perdura, a agricultura ainda encontraria mais dificuldades que na actualidade. Todavia, ela era possível na base das vertentes, sobretudo onde hoje se encontra a Quinta do Vale da Manta.

Lamentavelmente, o povoado foi muito maltratado pela abertura de pedreiras e pelo saque da pedra que foi levada para muros e outras construções do vale. A dificultar uma análise mais rigorosa há um denso giestal que dificulta a progressão e a visão.



Quinta do Vale da Meda  
(1998)

São estes dois factores que não permitem ajuizar, com clareza, se o castro tem mais que duas muralhas, incluindo a acrópole de vertentes pedregosas, mas relativamente ampla e plana no cimo. A área do povoado extravasaria o caminho florestal que o circunda em quase todo o seu perímetro.

Das observações que fizemos parece-nos que se trata de um povoado de médias dimensões, com origem na Idade do Bronze e que só muito esporadicamente terá convivido com a Romanização. Na cerâmica visível, alguma tem analogias com as produções do Bronze Final, mas a grande maioria pode ser designada por castreja. Sinais de cerâmicas conotados com a Romanização não vimos, tal como falta a *tegula* e sobretudo a pedra cortada e afeiçoada com o pico.

### **Quinta do Vale da Manta (Meda)**

Descrição: Lagar cavado na rocha

Latitude: 40 57' 885" N

Longitude: 07 13' 827" W

Comprimento: 546 m

A Quinta do Vale da Manta está situada na extrema da freguesia da Meda com Longroiva (Fig. 1). É servida pela estrada nº 331, Meda-Longroiva, e tem, relativamente próximo, o Castelo Velho, o povoado castrejo que se situa num monte que se destaca a Sudoeste. No sopé deste, encontra-se a capela de Nossa Senhora da Romeira, um pequeno templo particular de traça singela.

De acordo com a sua denominação, a propriedade onde se encontra o lagar é um vale, por vezes bastante apertado, onde correm algumas linhas de água, com destaque para a Ribeira da Concelha, a mesma que serve e circunda a actual povoação de Longroiva.

Em tempos mais recuados, a quinta do Vale da Manta foi uma propriedade agrícola de certa envergadura, apesar de o solo, na sua maioria, se mostrar pedregoso e de fraca qualidade. Os poucos solos aráveis, com possibilidade de irrigação, marginam a linha de água. É neste mesmo espaço que se encontra a casa de lavoura, um edifício pequeno e muito degradado, com anexos onde se guarda um rebanho de ovinos.

Como muitas outras propriedades desta região, a quinta possui largos hectares de terreno, maioritariamente não agrícolas. Alguns foram-no em tempos idos, sobretudo num aproveitamento que englobou o plantio de vinha e a sementeira de centeio e trigo, nos solos que se podiam trabalhar entre as muitas fragas que iriçam o terreno. Hoje, nem uma coisa, nem outra. No presente, grande maioria dos antigos solos agrícolas estão abandonados, eivados de giestas e de vegetação espontânea, que se juntam aos sobreiros e aos pinheiros que vieram quebrar a uniformidade florestal da região.

A actual economia da Quinta do Vale da Manta centra-se na exploração do sobro – há bastantes sobreiros no espaço da propriedade –, no pastoreio de ovinos e no plantio de vinha, esta escassa e remetida para a proximidade da linha de água. Está, pode-se dizer, distante do lagar que foi cavado numa laje aplanada, um das muitas que formam o afloramento rochoso que se situa próximo do caminho que serve as Olas e bem à vista do Castelo Velho e da casa da quinta.

O lagar tem uma forma rectangular, sendo constituído por um *calcatorium* e um *lacus* (Fig. 2; Est. I,1).

O *calcatorium* é rectangular, com ligeira inclinação na direcção do *lacus*. O mosto caía naquele através de uma bica aberta no afloramento granítico, depois de encaminhado. Lateralmente, foram cavadas duas cavidades, rectangulares, onde assentavam os *stipites* que sustentavam a trave do *prelum*.

A forma do *lacus* é semi-circular. Foi cavada no mesmo rochoso, só que se encontra num plano inferior. A sua capacidade deveria rondar os 400 litros, mas a destruição de uma das paredes laterais não permite uma medição rigorosa da sua capacidade.

A sua cronologia é de difícil precisão. Nas imediações não detectámos vestígios arqueológicos. Os mais próximos parecem-nos ser os do Castelo Velho, onde não vimos sintomas de Romanização.

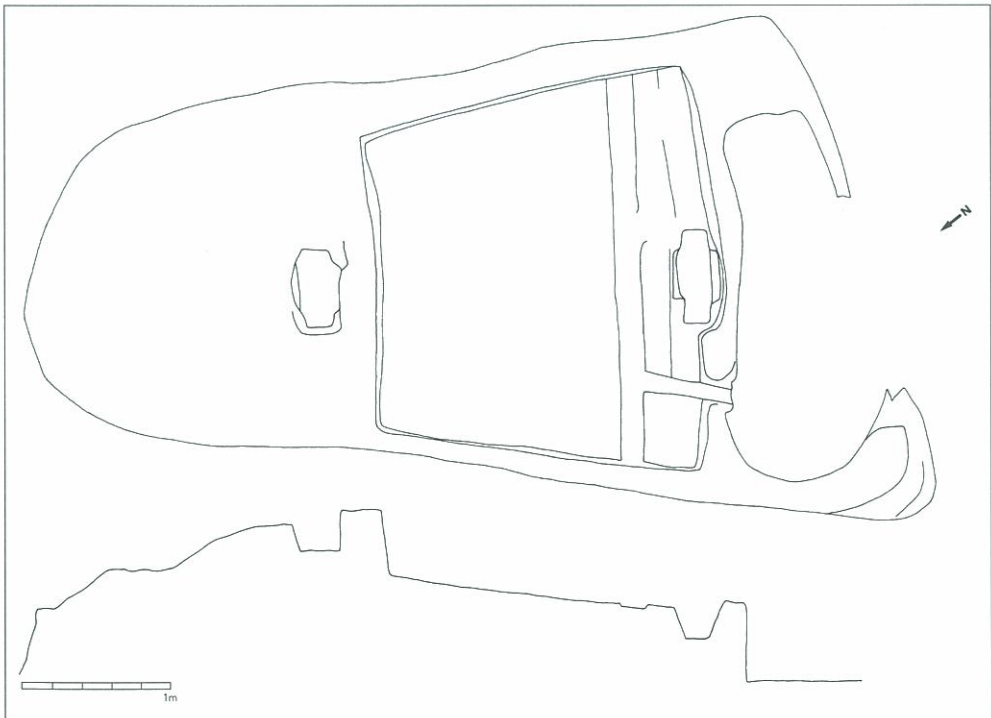


Figura 2

**Quinta de S. João (Meda)**

Descrição: Ocupação alto-medieval

Latitude: 40 57' 310" N.

Longitude: 07 13' 860" W.

Comprimento: 600 m

Descrição: Sarcófago em pedra

Latitude: 40 57' 380" N.

Longitude: 07 13' 393" W.

Comprimento: 595 m

Descrição: Lagar cavado na rocha

Latitude: 40 57' 296" N.

Longitude: 07 14' 130 W.

Comprimento: 734 m

A Quinta de S. João é uma grande propriedade situada no planalto que se reparte entre as freguesias da Meda e de Longroiva. Esta área compreende grandes quintas como sejam a de S. João, a do Vale da Manta e a do Moreira, além de um grande número de propriedades mais pequenas, distribuídas por sítios como sejam, entre outros, a Forca, as Pintas, as Trigueiras, as Moreirinhas e as Pisa-Buréis.

Em todos estes sítios predomina a vinha, nem toda ela de benefício, a par da batata, das hortas e de alguns cereais. Estes já foram mais abundantes, sobretudo o centeio, mas nos últimos decénios a sua presença tem vindo a diminuir drasticamente, com os terrenos a serem vocacionados para pastagens de ovinos ou simplesmente abandonados, o que os transforma, rapidamente, em densos giestais.

A Quinta de S. João é uma das grandes propriedades que já conheceu melhores dias. Estende-se, em socalcos mais ou menos alargados, desde o alto, que lhe está a Norte, até ao sítio das Trigueiras, a Sul, onde as águas são mais abundantes e correm mesmo algumas linhas de água que engrossam em dias de maior pluviosidade. Protegida pelos diversos morros rochosos que proliferam em todo este planalto, pode-se dizer que desde a sua primeira ocupação os moradores souberam tirar partido das diversas categorias e aptidões dos solos, basicamente graníticos – que são a base geológica desta área – e sobretudo da óptima exposição solar que toda a propriedade tem durante uma boa parte do ano. Finalmente, haverá ainda a assinalar a importância que a água tinha numa propriedade deste tipo. Esta era captada em diversos poços e minas, mas também se podia tirar partido do pequeno regato que atravessa literalmente a propriedade em toda a sua extensão.

No tempo em que conheceu melhores dias, a estrutura habitacional e a com-

ponente agrícola da quinta era composta por uma casa de habitação, uma capela, uma eira e vários anexos, estes praticamente acoplados à casa de habitação. A casa, em adiantada ruína, é uma construção de rés-do-chão e 1º andar, em boa cantaria, desprovida de rebocos e pinturas. O único sinal decorativo exterior é um painel de azulejo representativo do patrono, que é S. João.

A este santo popular estava dedicada a capela, que se encontra a Sudeste da quinta, na berma de um dos vários caminhos que cruzam o planalto. Está presentemente destelhada e sem qualquer recheio, mostrando bem, por debaixo do reboco com sinais de cal branca, ser uma construção de pedra sem qualquer esmero técnico. Este só se nota nas ombreiras e lintel da porta, de arestas chanfradas, situação que lhe confere uma cronologia que oscilará entre o século XVI e o XVII, tal como parece ser a da casa de habitação.

Junto ao edifício principal há alguns anexos que funcionaram como cortes, resguardo de alfaias, ervas, lenha e, presumivelmente, um lagar. No presente, os que ainda conservam o telhado abrigam, temporariamente, alguns rebanhos, os outros estão ao abandono. Em estado deplorável está igualmente a eira, erguida num espaço plano entre os anexos e uma fraga povoada de carvalhos. Do seu espaço, amplo sem dúvida, restam as lajes de pedra, espaçadas entre si e literalmente afogadas em erva.

O edifício principal, para além da boa cantaria que ostenta, mostra também um outro tipo de pedras, algumas com sinais inequívocos de almofadado, trazidas que foram de um ponto do meio da quinta onde há sinais de ter havido um edifício alto-medieval.

Se a restante componente agrícola está ao desmazelo, o mesmo não se poderá dizer dos vinhedos, que ocupam mais de dois terços da sua área total.

É no meio de uma das várias vinhas que fazem parte da quinta que se encontra um pequeno casebre destinado a guardar alfaias agrícolas e mesmo alguns animais. Situa-se a meio da quinta, a meio caminho entre a casa de habitação e o sítio das Trigueiras. Trata-se de um pequeno montículo aplanado, com óptima exposição solar, balizado a Poente com uma linha de água, sendo sítio bem arejado e a coberto dos terrenos mais húmidos e encharcados que se estendem, no sopé, até às Trigueiras.

Neste ponto, actualmente plantado com amendoeiras que rodeiam o casebre, e nos terrenos circundantes, abundam as *tegulae*, o *imbrex*, a cerâmica comum, os *dolia*, a tijoleira, elementos em tijolo de arco de *praefurnium* e muita pedra de construção, entre as quais sobressaem pedras almofadadas que funcionaram como ombreiras e cunhais, linteis, soleiras com rasgos onde giravam as trancas e gonzos em ferro, pias cavadas em pedra, aduelas de canalização em pedra, fustes em granito e pedra de cantaria, amontoada e a esmo, junto ao casebre ou incorporada na própria construção.

A área por onde se distribuem os vestígios é considerável, ultrapassa os 3000 m<sup>2</sup>, o que se entende se pensarmos que uma boa parte deles provém de arrastamentos colaterais produzidos pelos arroteamentos e sobretudo da preparação do terreno para o plantio dos vinhedos. De qualquer modo, sabe-se que, no ponto onde se encontra o casebre, esteve outrora, pela alta Idade Média, o edifício que presidiu aos destinos de uma *villa* agrária, erguida entre o fim da ocupação romana e o período seguinte. Apontam nesse sentido os muitos fragmentos de *dolia*, os bocados de cerâmica comum, com as características que costumam acompanhar as produções pós-romanas e, sobretudo, os losangos que estão gravados no almofadado das pedras que foram reutilizadas no casebre.

As características morfológicas do sítio apontam para a existência de uma *villa*, que se dedicou a explorar os terrenos de boa qualidade que aí havia, presumivelmente já o vinho, tendo em atenção os muitos fragmentos de *dolia* e a presença de lagares. Um deles num dos topos da tapada e dois mais abaixo, nas Trigueiras, que bem podem remontar àquela altura. *Villa* que teria alguma importância arquitectónica, ostentação mesmo, a ajuizar pelo tamanho e cuidado posto na execução da cantaria. *Villa* que teria, inclusivé, um sistema termal com aquecimento de água, de acordo com os tijolos próprios de uma estrutura de *praeurnium*.

O lagar está situado num dos topos da quinta, na proximidade de uma confluência de caminhos que fazem a ligação da quinta com as Moreirinhas, D. Sancha e as Trigueiras. Não tem, na sua proximidade, os vestígios arqueológicos que se detectam a meio da quinta, mas também não há necessidade imperiosa de haver uma relação directa entre ambos.

Foi cavado num dos penedos mais planos que formam um afloramento rochoso rodeado de vinhas e coberto de carrascos. Para aí, por ser sítio sem interesse produtivo, foram atiradas as pedras sobranes do arroteamento dos terrenos, outras foram usadas nos muros de suporte e de separação das diversas propriedades.

Referido nas monografias que já foram publicadas sobre o concelho (Rodrigues, 1996, 71), é formado por um *calclatorium* e um *lacus* (Fig. 3).

O *calclatorium* tem a forma de um rectângulo irregular cavado num penedo, de modo a que a *ara*, isto é, a laje do penedo onde as uvas eram pisadas pelos pés dos calcadores, tivesse um ligeiro declive na direcção do *lacus*. Lateralmente e sensivelmente ao centro ostenta as duas cavidades, bem molduradas, onde eram fixas as duas traves (*stipites*) – modernamente há regiões onde são apelidadas de virgens<sup>1</sup> – que sustentavam o *prelum*.

Acoplado ao *calclatorium* está o *lacus*. Entre os dois, a fazer elo de ligação, há um canal que remata numa bica parcialmente fracturada.

<sup>1</sup> Assim são designadas, na ilha da Madeira, as traves que sustentavam o *prelum* nos lagares de época moderna. Nos lagares de maiores dimensões havia as virgens de trás e as virgens da frente.

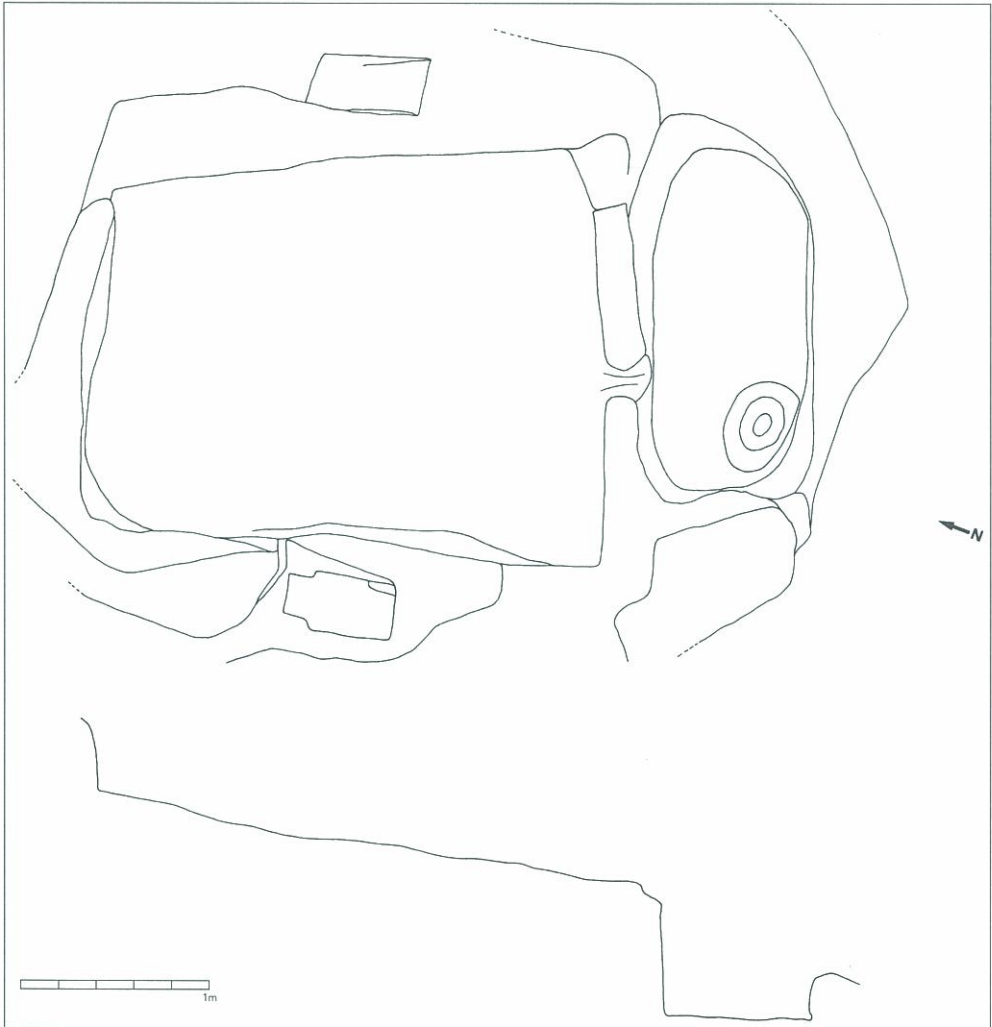


Figura 3

O *lacus*, de acordo com a tipologia local, tem um formato sub-retangular e no fundo do *lacus*, muito descentrada, há uma cavidade subcircular, que servia para o assentamento do cântaro que recebia o mosto e que, na parte final da produção, servia para recolha daquele que não caía directamente no cântaro.

O terceiro vestígio situado em terrenos da Quinta de S. João é um sarcófago de pedra, semi-enterrado na terra que rodeia a capela de S. João, perdida na imensidão de giestas que cobrem aquela zona.

O sarcófago foi cavado num bloco granítico mas está parcialmente destruído na sua face lateral esquerda, tal como nos pés. Mostra um arcaísmo evidente, pois, sendo um arcaz monolítico, não deixa de ter um ar desusado neste tipo de

sarcófago, na medida em que as semelhanças com as sepulturas cavadas na rocha são por demais evidentes.

### Trigueiras (Meda)

Descrição: Lagares cavados na rocha (Lagar n° 1)

Latitude: 40° 57' 148" N

Longitude: 07° 13' 750" W

Comprimento: 55 8m

Descrição: Lagares cavados na rocha (Lagar n° 2)

Latitude: 40° 57' 082" N

Longitude: 07° 13' 550" W

Comprimento: 540 m

As Trigueiras são uma zona de cultivo situada a Nascente da Quinta de S. João, com a qual confina. Trata-se de uma vasta área aplanada, com ligeiras variações topográficas. A Poente fica o sítio de Pisa-Buréis e o das Pintas, locais onde se documentam, também, alguns lagares. Em termos agrícolas é uma zona de vinhas e de antigos campos de trigo, hoje abandonados e improdutivos, com as giestas a crescerem livremente. Aqui, distanciados um do outro, cerca de 100 m, há dois lagares (Fig. 1).



Trigueiras I [Est. I, 2]

Na berma de um dos muitos caminhos que cruzam estes terrenos destaca-se um pequeno afloramento granítico, bem perceptível, até pelo pequeno sobreiro que nasceu entre as rochas. Foi num dos penedos que aí há, num dos mais planos, que foi cavado o lagar que designamos por Trigueiras 1 (Est. I, 2; Fig. 4).

Consta ele de um *torcularium* rectangular e um *lacus* sub-rectangular. Entre os dois o desnível é considerável, algo semelhante àquele que foi estudado no sítio de Mosteiros, em Casteijão (Faria e Brochado, 1998, 230-237).

O *torcularium* tem paredes baixas, estando a *ara* levemente descaída na direcção do orifício por onde se escoava o mosto que caía no *lacus*. A este falta já uma parte da parede que foi arrancada, para servir de padieira da porta do anexo que foi erguido bem junto ao lagar. A ladear as paredes do *torcularium* há duas cavidades onde assentavam os *stipites* que suportavam a trave do *prelum*, o qual, por sua vez, se apoiava num dos topos na parede, quase vertical, do rochedo que para o efeito foi adaptada.

Junto ao lagar, na parte mais alta, encostada ao penedo, havia uma construção em pedra solta e que fora coberta com telha. Tinha uma única porta aberta para o lado do lagar, que se situava fora. Nesta pequena construção havia uma pedra com uma inscrição, cuja data é 1618 ou 1678. A dúvida está somente no 1 ou no 7 que é representado por uma cruz. Junto ao pequeno edifício havia igualmente um peso de lagar, de forma circular.

Se a data tem a ver com a construção do anexo, este será posterior ao lagar, já que uma das pedras que lhe serviu na porta provém, precisamente, da parede do *lacus*. Em qualquer dos casos o lagar é anterior ao século XVII, podendo remontar, inclusivé, à época romana. Vestígios deste período há-os na vizinha Quinta de São João e numa vinha, bem próxima, que lhe está a Sul.

Embora com reservas, parece-nos que a capacidade do pio rondaria os 400 litros.

Cerca de uma centena de metros para Sul, também ele na berma de uma vinha, está o segundo lagar, que apelidamos de Trigueiras 2 (Fig. 5).

Tem forma sub-rectangular e foi cavado numa vasta laje granítica que a própria natureza se encarregou de, naturalmente, aplanar. Consta de três compartimentos distintos dispostos em patamares que aproveitaram o natural declive da laje para Nascente. Na parte mais elevada foi cavado o *calcatorium* que escoava o mosto por uma caleira, sumariamente cavada na parede que fazia a ligação com o compartimento onde funcionava o *torcularium*. Foi, aliás, nas paredes laterais deste compartimento que foram abertas as cavidades destinadas a suportar os *stipites*.

O mosto escorrido do compartimento intermédio, o calcado e o prensado, passava para o pio ou *lacus* através de uma caleira furada na parede. Este, dos três, era o que se encontrava em cota inferior e possuía, à imagem de outros, uma

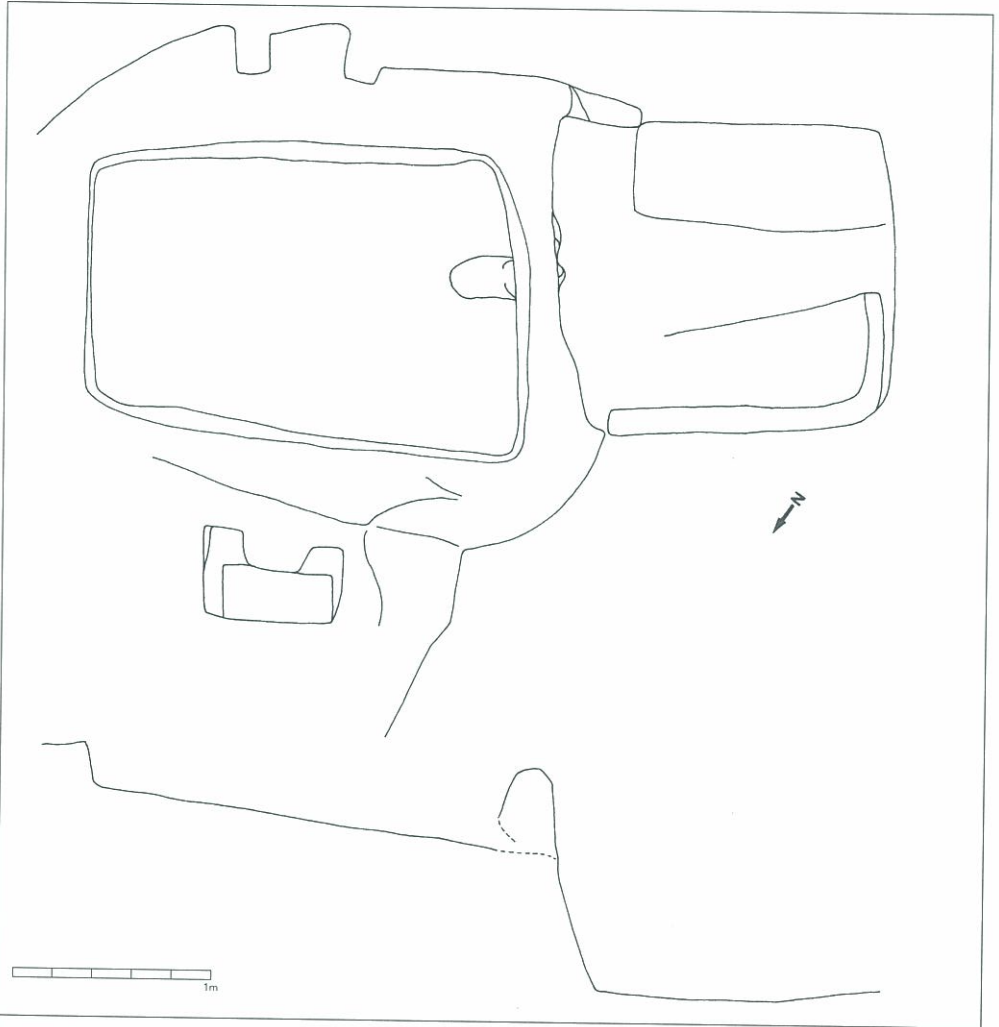


Figura 4

pequena cavidade circular no fundo para onde escorria o mosto que não se apanhava directamente com um cântaro ou então com o auxílio de uma malga ou de uma gamela.

#### Quinta do Moreira

Descrição: Ocupação alto-medieval

Latitude: 40° 56' 900" N

Longitude: 07° 14' 962" W

Comprimento: 733 m

Descrição: Lagar cavado na rocha

Latitude: 40° 57' 107" N

Longitude: 07° 14' 689" W

Comprimento: 703 m

Descrição: Lagar

Latitude: 40° 56' 655" N

Longitude: 07° 15' 140" W

Comprimento: 762 m

Descrição: Sepulturas cavadas na rocha (Sep. 1)

Latitude: 40° 56' 900' N

Longitude: 07° 14' 962" W

Comprimento: 733 m

Descrição: Sepulturas cavadas na rocha (Sep. 2)

Latitude: 40° 56' 929" N

Longitude: 07° 14' 983" W

Comprimento: 734 m

Descrição: Sepulturas cavadas na rocha (Sep. 3)

Latitude: 40° 56' 917" N

Longitude: 07° 14' 990" W

Comprimento: 731 m

Descrição: Sepulturas cavadas na rocha (Sep. 4)

Latitude: 40° 56' 939" N

Longitude: 07° 14' 991 W

Comprimento: 737 m

Descrição: Sepulturas cavadas na rocha (Sep. 5)

Latitude: 40° 56' 956" N

Longitude: 07° 15' 013" W

Comprimento: 734m

Na periferia da vila da Meda, mais concretamente a Sul do aglomerado populacional, há algumas propriedades agrícolas e entre elas a Quinta do Moreira. Esta é uma vasta propriedade rural, com cerca de 100 hectares, que ocupa uma boa parte do vale que é percorrido pela Ribeira da Quintã, um afluente do Ribeiro de Moinhos.

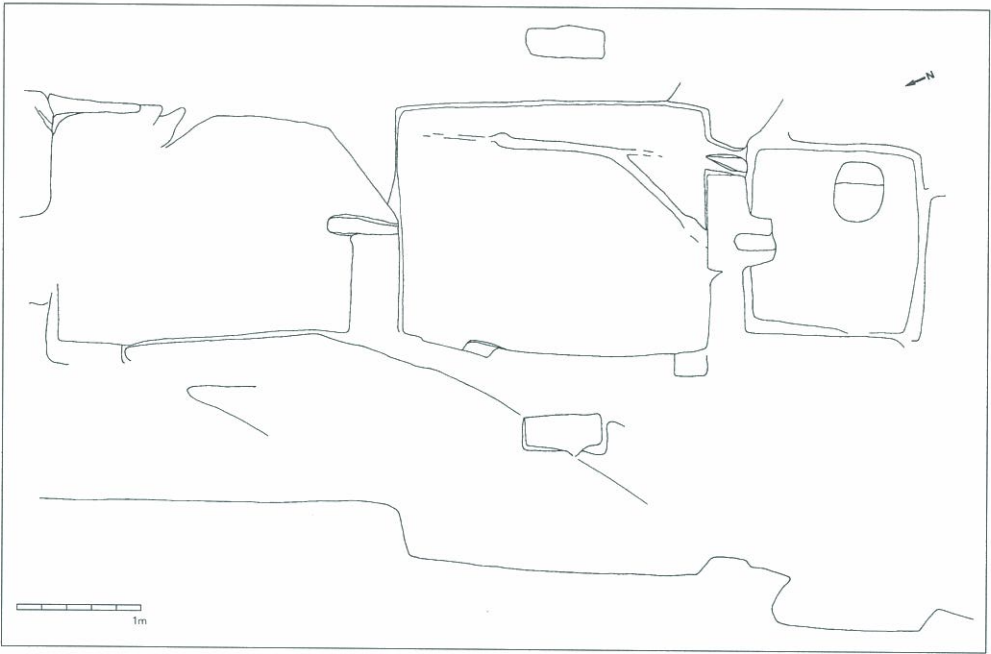


Figura 5

Esta extensa propriedade, que já foi uma grande produtora de batata, feijão e centeio, está presentemente em estado de quase abandono, com os campos de cultivo transformados em pastos e muitos deles a ser invadidos por giestais, a par dos carvalhos, sobreiros e mesmo freixos que florescem ao longo da linha de água e na encosta. O ar de ruína estende-se ainda aos vários casebres de apoio à actividade agrícola, espalhados pela quinta, estando alguns deles já destelhados ou então somente aproveitados para a guarda de um rebanho de três centenas de ovinos que pastam nos lameiros e nas encostas menos pedregosas do vale onde a quinta se encaixa.

No epicentro desta arruinada propriedade, num cabeço arredondado, está uma casa de habitação, rodeada de anexos, que se encontra, também ela, em avançado estado de deterioração.

A casa propriamente dita foi construída com pedra seca, num misto de boa cantaria e pedra menos cuidada. De qualquer modo, nota-se que alguma dela provém de anteriores construções, como o demonstra um bom silhar, presumivelmente um cunhal ou ombreira de uma porta, que ostenta um almofadado bem ao gosto da técnica alto-medieval, mais concretamente dos edifícios da Reconquista. Sintomático é ainda o facto deste edifício, que se distribui por rés-do-chão e 1º andar, não mostrar sintomas de ter sido rebocado e muito menos caiado. Nos anexos, que serviram em tempos mais recuados para guardar alfaias agrícolas,

palhas, animais e mesmo para albergar o forno onde os moradores coziavam o pão semanal, é também vulgar encontrar pedras reutilizadas que se sabe terem vindo da parte baixa da quinta, do sítio onde existem mós manuais, pedras esquadriadas de um sólido edifício, muitos fragmentos de *tegulae* e *dolia*, tudo isto bem próximo do sítio onde se encontram 6 sepulturas cavadas na rocha.

Embora a quinta, na actualidade, quase não tenha vinha, esta foi, senão preponderante, pelo menos bem importante na sua economia. Sinais da sua presença vêem-se numa das encostas que foi cavada em socalcos sustentados por muros de pedra, também eles em estado de abandono e, sobretudo, nos lagares cavados nos penedos que se encontram no interior da quinta e na sua periferia.

São dois os lagares detectados que se encontram no interior desta vasta propriedade com tipologias e cronologias diferentes (Fig. 1). O primeiro é um lagar cavado num penedo, situando-se num afloramento rochoso, bem na berma do antigo caminho ou estrada que servia, não só a quinta, mas também outras povoações, como é o caso de Longroiva. O segundo é de tipo mais tradicional e encontra-se no lado oposto da quinta, no outro lado do vale, na linha de demarcação com a Tapada da Fresta.

O lagar, que foi cavado num afloramento rochoso, consta de um *calculatorium* no plano mais elevado e de um *lacus* na parte inferior (Fig. 6).

O *calculatorium* tem forma rectangular e apresenta-se com a inclinação necessária para que o mosto escorra naturalmente para o *lacus*, através do canal que termina em bica. Este, mais do que em todos os outros lagares desta região, está bastante descentrado, ao contrário das cavidades que ladeiam a *ara* do *calculatorium* onde assentavam os *stipites*. Qualquer uma das cavidades mostra um molduramento criado para aumentar o grau de prensão dos troncos de madeira – os *stipites* – destinados a sustentar o *prelum*.

Também, como é norma, o *lacus* está situado num plano inferior, mas, ao contrário dos demais, não se encontra completo. Falta-lhe – aliás nunca teve – a parede mais exterior, que era amovível e em madeira. Ao faltar a pedra, os construtores do lagar optaram por rasgar calhas nas paredes laterais, uma de cada lado, onde encaixavam as extremidades de um painel em madeira destinado a reter o vinho que, eventualmente, não fosse directamente recolhido pelos cântaros.

O segundo lagar está no lado oposto da quinta, na parte mais alta do vale, próximo da Tapada da Fresta e na berma do antigo caminho que fazia a ligação entre a Meda e Marialva, servindo o convento da Abadia. Por essa razão ainda hoje a população aponta aquele caminho, praticamente intransitável, como sendo o caminho das freiras.

Trata-se de um pequeno lagar construído no interior de um diminuto casebre de pedra solta que, no presente, está totalmente desmantelado. Dele resta um amontoado de pedras. Visíveis são, no entanto, entre codeços, carrascos e silvas

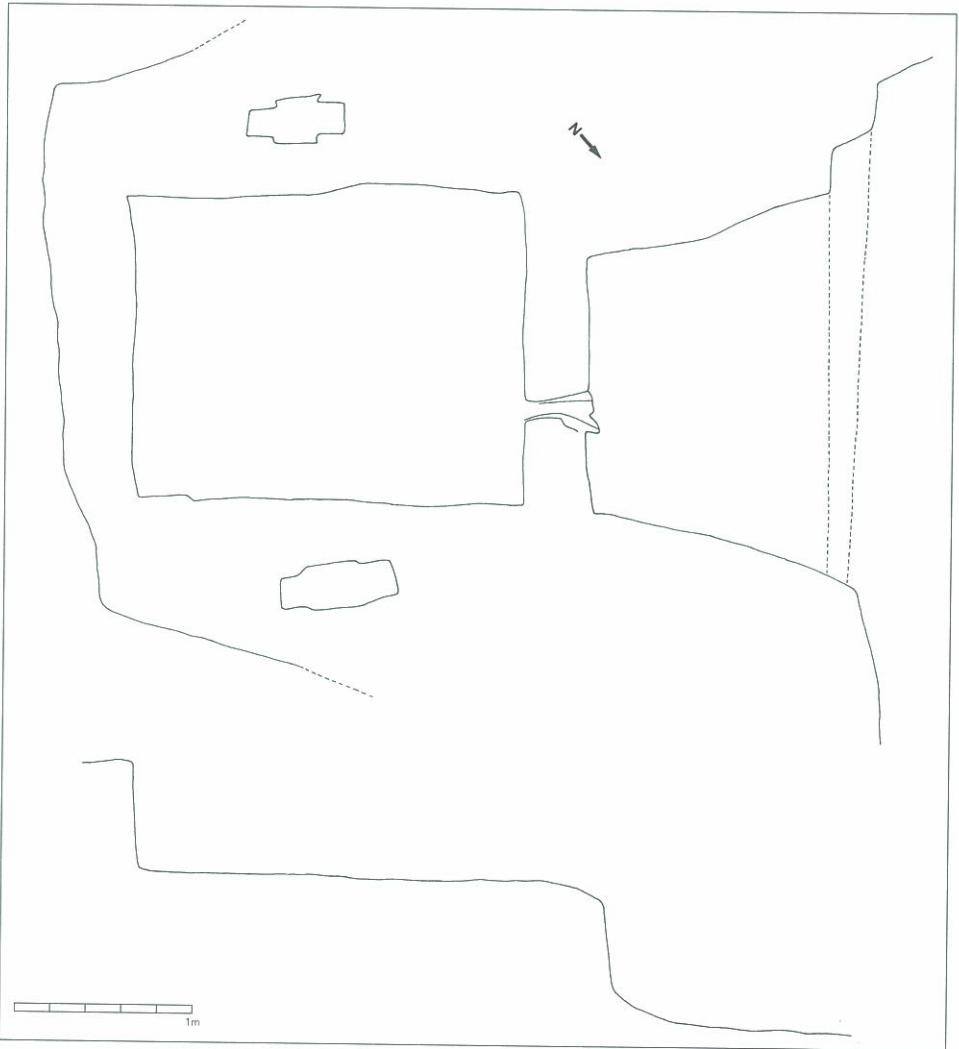


Figura 6

que foram crescendo, a pedra circular que serviu de peso ao *prelum* e a estrutura do lagar, toda ela erguida com recurso a pedras inteiriças, incluindo as lajes que revestiam o chão. A sua localização é precisamente a seguinte:  $40^{\circ} 56' 967''$  N e  $07^{\circ} 14' 930''$  W.

Apesar de ser uma estrutura de pequena dimensão, a sua presença pressupõe a existência de videiras nesta parte da quinta, algo que actualmente já não ocorre. O que aqui existe presentemente são campos de cultivo, dispostos em largos patamares, servidos por água de rega armazenada em pequenas lagoas artificiais, mas que estão abandonados há já algum tempo. Provavelmente, em período não

muito remoto, havia aqui vinhas, tal como houve, ao que consta, na Tapada da Fresta. As últimas videiras desta propriedade, que confronta com a Quinta de Moreiró, só muito recentemente foram arrancadas. A atestar que o cultivo da vinha não foi aqui uma miragem, permanecem ainda algumas dezenas de pés de videiras numa propriedade bem próxima do ponto onde se encontra a ocupação tardo-romana e as sepulturas cavadas na rocha.

As sepulturas encontram-se num afloramento granítico, que se destaca na parte mais baixa do vale. Estão muito próximas do Ribeiro da Quintã (Fig.1) e de um pequeno casebre que vai servindo de curral aos ovinos que por aqui pastam nos últimos tempos.

Segundo informações locais, o número original seria de 6, mas, com o arranjo que ocorreu no caminho de acesso, o seu número decresceu para 5, após uma delas ter sido arrancada e deposta voltada ao contrário num ponto de difícil detecção, devido à densa presença de giestas.

Das 5 sepulturas, uma está situada na base do afloramento granítico, em pleno campo de cultivo. As restantes distribuem-se pelo maciço, de acordo com as rochas mais apropriadas. Terão sido estas que, inclusivé, terão determinado a orientação de cada uma e mesmo o distanciamento, que não é grande. Na realidade quase poderíamos afirmar que se apresentam agrupadas duas a duas, caso tivéssemos a certeza que aquela que foi destruída estava próxima da que surge no campo.

Nota interessante é, sem dúvida, o facto de uma delas, a nº 5, ter a parte destinada aos pés mais larga que a parte destinada à cabeça e ao tronco. Por outro lado nunca chegou a ser utilizada, pelo simples facto de nunca ter sido terminada. A picagem da cavidade sepulcral não passou dos 0,08m.

As suas medidas são as seguintes (Fig. 7):

	Sep. 1	Sep. 2	Sep. 3	Sep. 4	Sep. 5
Comprimento	1,70 m	1,70 m	1,75 m	1,81 m	1,56 m
Largura cabeça	0,40 m	0,50 m	0,56 m	0,44 m	0,42 m
Largura pés	0,45 m	0,43 m	0,41 m	0,31 m	0,50 m
Profundidade média	0,55 m	0,35 m	0,35 m	0,33 m	0,08 m

Junto às sepulturas cavadas na rocha há inequívocos sinais de uma ocupação com *tegulae*, fragmentos de *dolia*, mós manuais e silhares – um deles almofadado e que foi transportado para um dos anexos adjacentes à casa da quinta.

O sítio onde se localizam os vestígios é uma zona baixa, um antigo campo de cultivo, actualmente só com erva, que está balizado pelo Ribeiro da Quintã. Por definição, não é uma zona propícia à instalação de uma estrutura habitacional de

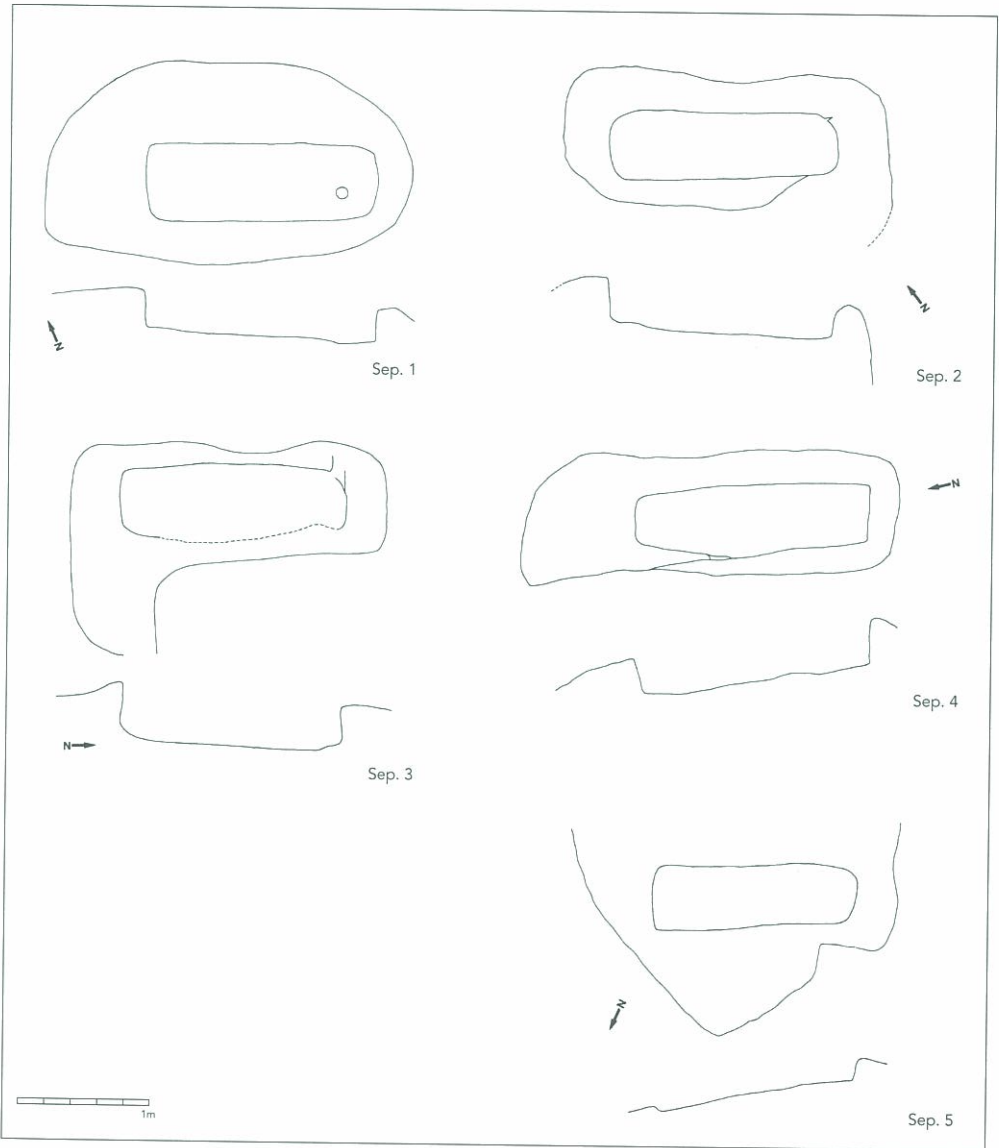


Figura 7

época romana ou mesmo mais tardia, todavia, a evidência é indesmentível. Todos eles apontam no sentido de aí ter havido uma casa de lavoura, que possuía lintéis almofadados, à moda da Alta Idade Média.

A proximidade da casa de lavoura em relação às sepulturas coloca algumas interrogações, tais como a existência de uma possível relação entre ambas e se esta casa já cultivaria a vinha desde o momento em que o vale começou a ser

colonizado. Do que não há dúvidas é que o começo da colonização se situa algures na Alta Idade Média, provavelmente no período visigótico.

### Área de Santa Cruz

Descrição: Lagar cavado na rocha

Latitude: 40° 57' 767" N

Longitude: 07° 14' 707" W

Comprimento: 678 m

Este lagar está situado na berma do caminho que faz a ligação da estrada da Meda à Quinta de S. João e Quinta de D. Sancha.

O sítio onde se encontra – no leito de um antigo caminho – foi responsável pela destruição da quase totalidade da estrutura, que se encontra muito desgastada pelo trânsito de pessoas e carros. Resta, somente, uma parte da *ara* do *calcatorium* e nenhum vestígio do *lacus*.

A sua localização coloca-o no epicentro de uma vasta área de terrenos cultivados com vinha, oliveiras e amendoeiras – estas nos valos dos terrenos ou na periferia dos vinhedos. Junto ao lagar, que se encontra num afloramento granítico, há restos de um pinhal onde perduram ainda alguns sobreiros.

### Ola (Meda)

Descrição: Lagar cavado na rocha

Latitude: 40° 57' 962" N

Longitude: 07° 13' 570" W

Comprimento: 545 m

O sítio da Ola encontra-se a Oriente da Quinta de S. João, com acesso directo a esta e à Quinta do Vale da Manta, através de caminhos vicinais de servidão agrícola (Fig. 1).

Orograficamente, é uma zona de encosta alta, onde os vinhedos aparecem a colorir uma paisagem dominada por giestais rasteiros e alguns tufo de vegetação arbórea: destacam-se os sobreiros, carrascos e alguns pinheiros. Nas terras agricultadas, que são os terrenos mais aconchegados e abrigados, além da vinha, há ainda oliveiras e algumas amendoeiras. Os solos são de composição granítica e uma observação mais atenta mostra que uma boa parte das encostas que actualmente produzem somente giestas e ervas já foram agricultadas, situação que explica a existência de lagares cavados na rocha em toda esta corda que vai do Vale da Manta até à Quinta de S. João e mesmo a pontos mais distantes como a Chã da Forca, no planalto sobranceiro à povoação de Longroiva.

O penedo onde foi cavado o lagar destaca-se na entrada da vinha que se dis-

tribui em socacos sustentados por muros em pedra. Perto há um grande carrascal e junto a ele as ruínas de um velho casebre de arrumos, igual a tantos outros que se espalham pelo planalto.

O lagar propriamente dito está muito mutilado (Fig. 8), ao que presumimos por causa do uso de maquinaria que terá surribado e aplanado a parte mais alta da propriedade. Escapou ileso somente o *lacus*, de forma quase circular, fundamente cavado e que possui, na parte central, uma cavidade destinada a equilibrar o cântaro que apanhava o mosto e servia, ao mesmo tempo, para apanhar o líquido sobranço.

O mosto, após a pisa, caía directamente no *lacus*, através de um canal, bem extenso, que rematava numa caleira em pedra, saliente.

Pelo que resta do *calculatorium*, este teria uma configuração rectangular. Dos encaixes para assentamento dos *stipites*, restou somente um deles.

### **Pintas (Longroiva)**

Descrição: Lagar cavado na rocha

Latitude: 40° 57' 290" N

Longitude: 07° 13' 255" W

Comprimento: 620 m

Este lagar encontra-se a cerca de 400 m dos lagares do Chão da Forca 1 e 2 (Fig. 1).

Está situado em terreno de mato, na berma de uma pequena vinha de benefício, cavada num pedaço de terra encravado entre penedias. Trata-se de uma zona pejada de rochedos que despontam entre as giestas, carrascos e alguns sobreiros.

O lagar foi cavado num grande penedo aplanado e consta de um *calculatorium* e de um *lacus*. Este, devido às dimensões do penedo, foi cavado num dos ângulos do *calculatorium*, resultando uma forma algo diferente do que é comum verificar-se (Est. II, 1; Fig. 9).

A forma do *calculatorium* é sub-rectangular, sendo as suas paredes altas e quase verticais. Mais ou menos centradamente estão, um de cada lado, os buracos para assentamento dos *stipites*. Na parede oposta ao canal de escoamento, que devido à disposição do *lacus* foi cavado na junção de duas das paredes, está o buraco, circular, que serviu para prender um dos topos do *prelum*.

O *lacus* tem uma forma muito próxima do rectângulo e a sua ligação com a ara do *calculatorium* fazia-se através de um duplo canal. Um deles é o típico buraco de escoamento para o interior do *lacus*. O outro, bastante invulgar neste tipo de lagar, está adjacente e servia para apanhar directamente para um cântaro ou outro tipo de vasilha, o vinho que saía aos pés dos pisadores. Só após terminada esta operação é que se iniciava o processo de prensagem, recorrendo-se para isso ao *prelum*.

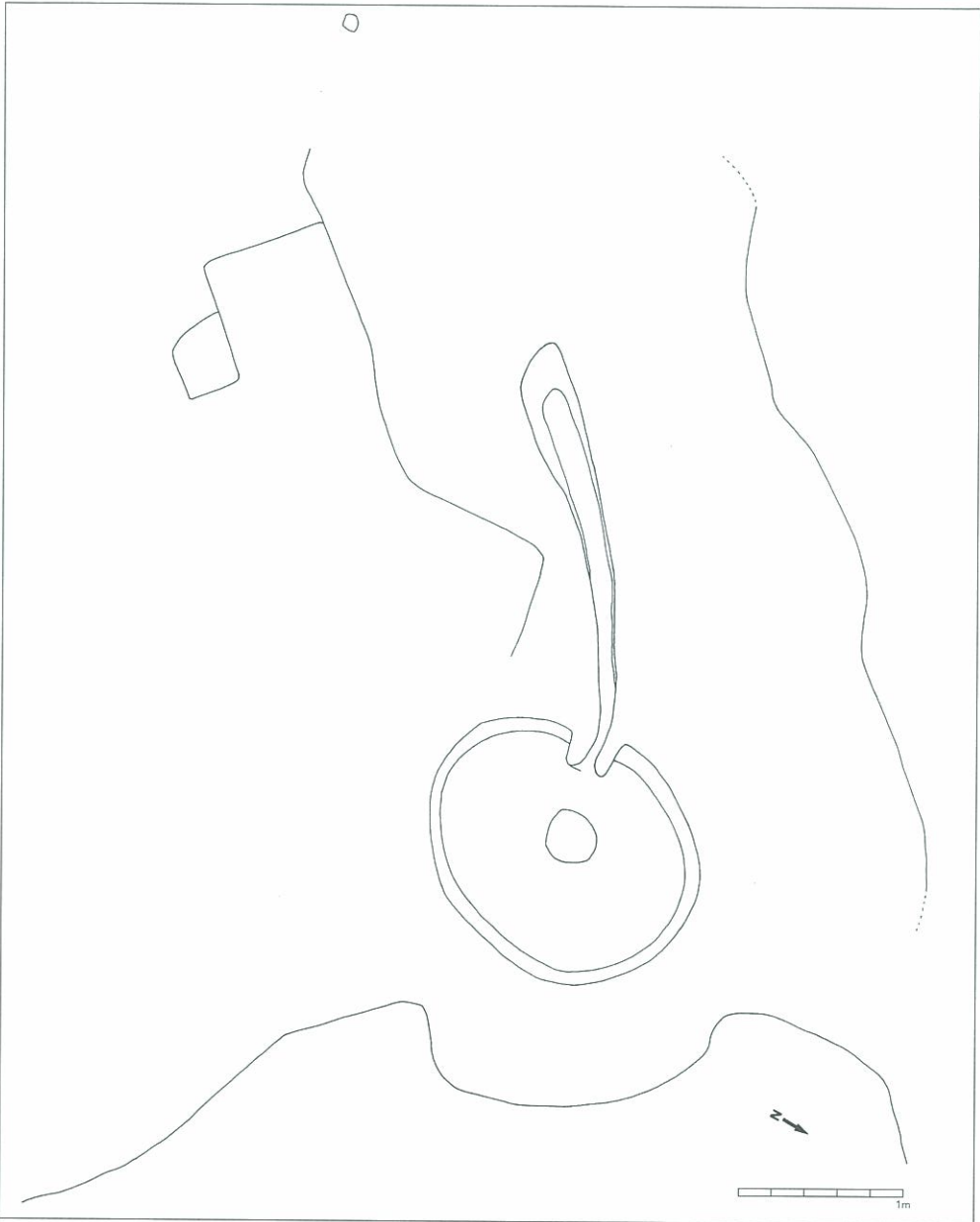


Figura 8

**Safarejo/Cruzinha (Longroiva)**

Descrição: Lagar cavado na rocha

Latitude: 40° 57' 200" N

Longitude: 07° 13' 198" W

Comprimento: 510 m



Pintas

O sítio de Safarejo é um dos muitos espaços agricultados que se situam no planalto que se estende da Quinta de S. João/D. Sancha até ao monte da Forca de Longroiva. Encontra-se precisamente a Sudeste da Quinta de S. João e dos dois lagares que aí já assinalámos.

O lagar está situado no meio de um vinhedo, bem à vista da Quinta de S. João e dos lagares das Trigueiras (Fig. 1) que lhe estão situados na sua vertente sul. Foi construído num afloramento granítico que se destaca no meio de um bem cuidado vinhedo. Quando o encontrámos, estava totalmente coberto dos restos da poda das vides e com pedras, algumas de grandes dimensões, que foram retiradas do terreno plantado com vinha.

O lagar consta de um *calclatorium* e de um *lacus* (Fig. 10). O primeiro, depois de limpo, revelou um compartimento sub-retangular com as paredes laterais em



Safarejo

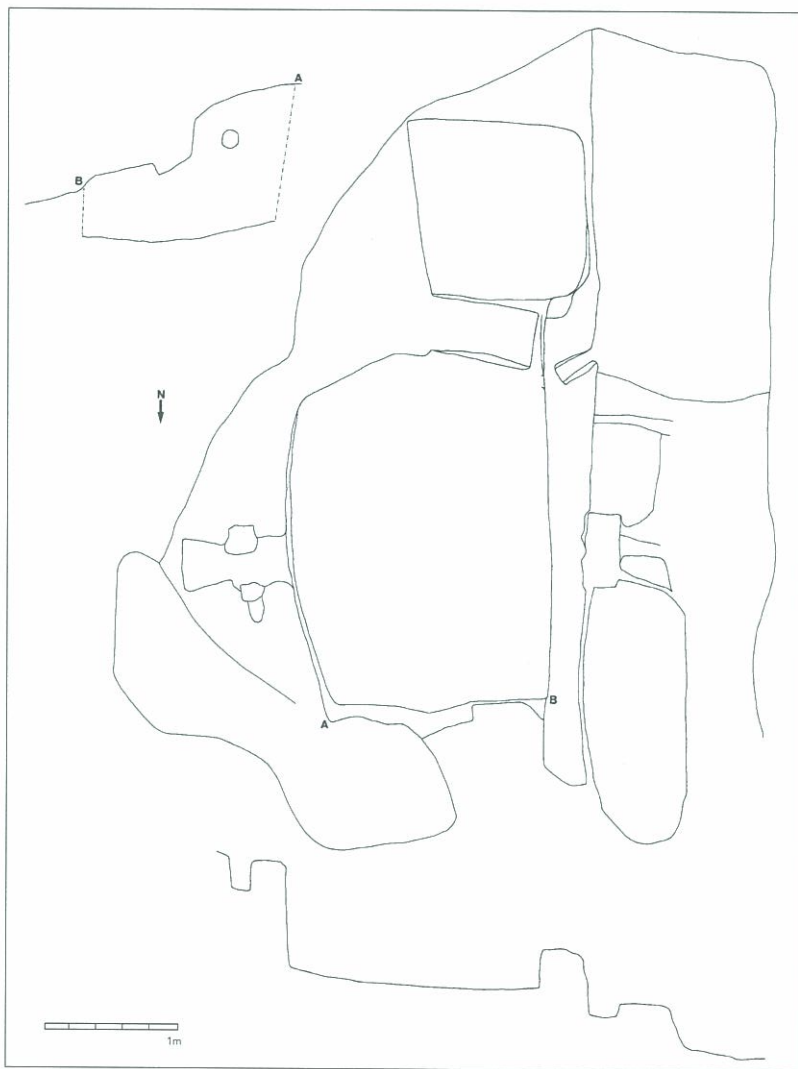


Figura 9

bom estado à excepção de uma, a oposta ao buraco de escoamento que não existe, e certamente nunca existiu, uma vez que a inclinação do *lacus* facilitava o natural escoamento do líquido.

O buraco de escoamento está ao centro, tal como o estão os dois encaixes para assentamento dos *stipites*.

O *lacus*, que parece ter uma forma subcircular, tinha uma profundidade a rondar os 0,70 m mas encontrava-se atulhado com grandes blocos de granito que foi impossível remover.

Sinais arqueológicos que remontem ao período romano não há nas imedia-

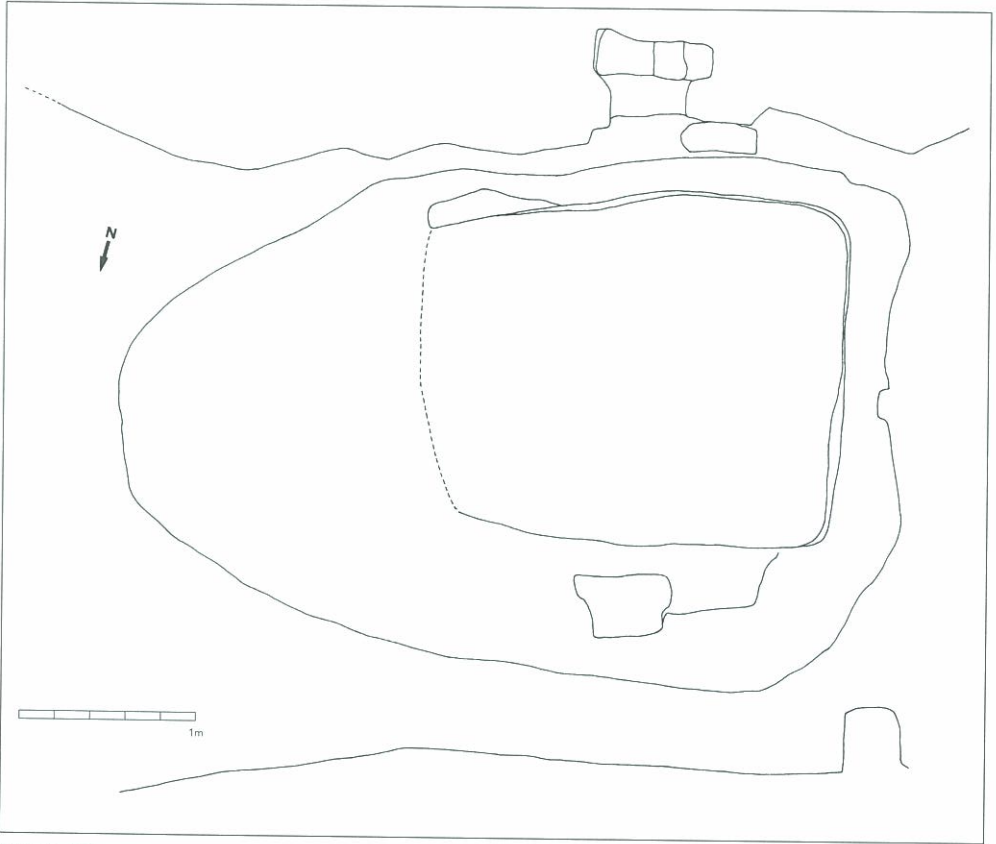


Figura 10

ções, mas há-os a 500 metros para Poente, num terreno de vinha que é cortado por um dos muitos caminhos que cruzam o planalto.

### Safarejo (Longroiva)

Descrição: *Tegulae*

Latitude: 40° 57' 25" N

Longitude: 07° 13' 466" W

Comprimento: 512 m

Entre as Trigueiras e o Safarejo estendem-se uma série de vinhas, dispostas em socalcos de inclinação suave (Fig. 1). Em cada uma delas há casebres para arrumos de alfaías agrícolas e mesmo para resguardar os animais que por ali pastam.

A cultura predominante deste sítio é a vinha, alguma dela de benefício, e algumas árvores de fruto, nomeadamente pessegueiros e macieiras.

Nesta zona, relativamente plana e topograficamente um pouco mais alta que os terrenos circunvizinhos, isto é, as Trigueiras e o Safarejo, entre os pés de vinha e mesmo nas paredes que balizam o caminho, há bastantes fragmentos de *tegulae*, mesmo fragmentos de cerâmica tardo-romana e pedra cujo corte e dimensão mostra ter pertencido a um edifício de época ou de tradição romana. Este não teria as dimensões daquele que havia na vizinha Quinta de S. João e, em virtude da proximidade, é natural que fosse uma exploração agrícola anexa ou com ela relacionada. Os vestígios cerâmicos são, sem dúvida, poucos, mas tudo aponta para que estejamos perante o que resta de uma ocupação de tipo agrícola, análise que é corroborada pela presença de bastantes fragmentos de *dolia*, mesmo dos lagares das Trigueiras e do Safarejo e da Cruzinha.

### **Safarejo (Longroiva)**

Descrição: Lagar

Latitude: 40° 56' 890" N

Longitude: 07° 13' 265" W

Comprimento: 513 m

Este lagar está situado a cerca de 500 m do sítio onde se encontra a ocupação de época romana ou tardo-romana (Fig. 1). Trata-se de um local semicultivado, inserido num espaço onde a penedia e os terrenos inóspitos estão também presentes. A área cultivada tem vinhas, alguns campos abandonados de trigo e centeio, amendoeiras e algumas árvores de fruto, tais como as figueiras. Perto, há uma pequena construção em pedra solta que serve de anexo e apoio à exploração agrícola. Tem água com certa abundância, captada de um poço e de uma mina.

O lagar que estava totalmente atulhado mostrou ser constituído por um *calcatorium* rectangular (Est. II, 2; Fig. 11), de paredes bem delineadas e quase perpendiculares. Tem uma inclinação natural para o orifício que faz a ligação com o *lacus*, de forma elipsoidal. O *lacus* é bastante profundo, mas evidencia um chão muito irregular e uma forte inclinação para o centro.

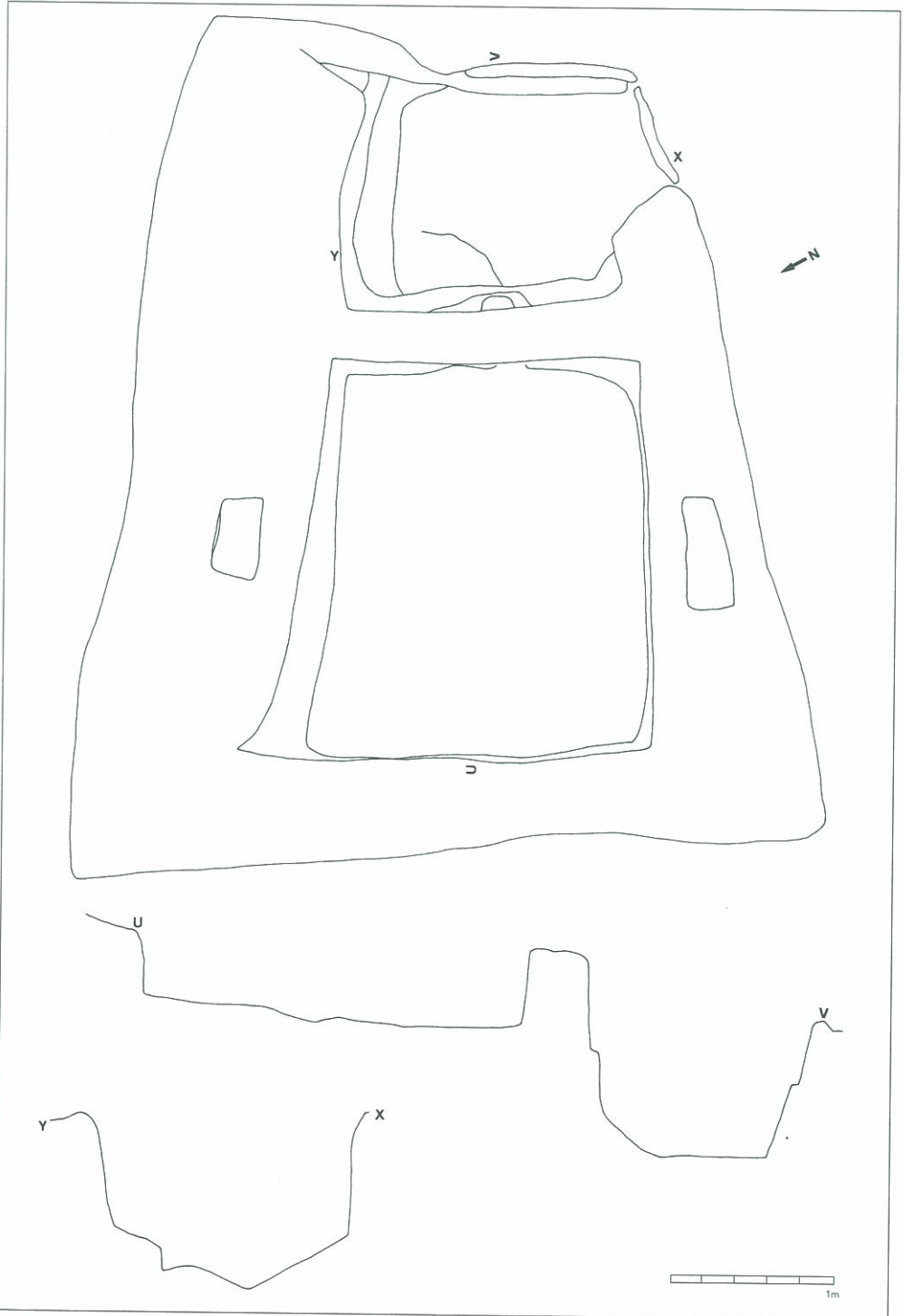


Figura 11

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de – *Roman Portugal*. Warminster, 1988. II.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de – *Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho*. Porto: FLUP, 1996. Vol. VII. Dissertação de doutoramento. Polycopiado.
- ANTUNES, João Manuel Viana; FARIA, Pedro Baère de – *Aspectos diacrónicos de um espaço entre Goujoim e S. Martinho das Chãs (Armamar)*. «DOURO – Estudos & Documentos». Porto: GEHVID. Vol. 3, n° 4 (1997).
- BARROCA, Mário Jorge – *Do castelo da Reconquista ao Castelo Românico (Séc. IX a XII)*. «Portugália». Vol. XI-XII (1990-91).
- CINTRA, L. F. Lindley – *A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo*. 2ª ed. Lisboa, 1984.
- CORTEZ, F. Russel – *A Localização dos Meidobrigenses*. «Zephyrus». Salamanca. N° 4 (1954).
- FARIA, Pedro Baère de; BROCHADO, Cláudio Laranjeira – *Casteijão, núcleo sepulcral de Mosteiros*. «DOURO – Estudos & Documentos». Porto: GEHVID. Vol. 3, n° 5 (1998).
- RODRIGUES, Adriano Vasco – *Terras da Meda, Natureza e Cultura*. Meda, 1983.